
ORA... ORA... ORA... A ÉTICA INFANTIL E A PESQUISACOM AS CRIANÇAS E SUAS IMAGENS

Carmen Lúcia Vidal Pérez¹

*Em lábios de crianças, loucos, sábios, apaixonados,
brotam imagens, jogos de palavras,
expressões surgidas do nada...
Feitas de matéria inflamável,
as palavras se incendeiam assim que as roçam
a imaginação ou a fantasia.
Octavio Paz*

O presente artigo busca discutir as implicações éticas nas pesquisas com o cotidiano das escolas, com crianças e com suas imagens. No primeiro momento, a partir da grafia *pesquisacom* problematizamos o conectivo *com* na perspectiva das redes cotidianas de *saberesfazeres*, a partir das noções de comum e singular, mais especificamente de singularidade, para pensarmos uma ética de pesquisa com os sujeitos praticantes da/na escola. No segundo momento trazemos o conceito de ritornelo (Deleuze e Guattari) como base (ou solo nas palavras dos autores), das imagens polifônicas engendradas pelas crianças. O ritornelo como “lei costumeira”, “não escrita” é um *ethos*, mas o *ethos* é também a morada. E é como morada que pensamos o que vimos chamando de “ética infantil”; não uma ética das crianças, mas uma ética *com* as crianças, não uma ética que controla, delimita, prescreve; mas uma ética que escapa ao sentido dado, que escapa à palavra acostuada e produz imagens outras - que não é técnica, que não faz procedimento.

A ética infantil é singular, é experimentação, é experiência - abertura onde circulam palavras, sentidos, possibilidades, onde se produz narrativas (também visuais); vibração, variação, decomposição, *com-posição*, projeção, transformação, movimento. A ética infantil é o movimento nômade no território dos afetos: uma “geo-ética” - plano de experimentação, linha de fuga que o desejo abre, fluxo que faz agenciamentos coletivos, movimento que sai em busca de novos territórios. A ética infantil não generaliza verdades, não pode ser provocada e não se programa em um mapa de causalidades e efeitos, certezas, mas aponta uma possibilidade de fuga de um território e está sempre aberta para novos encontros

Num terceiro momento, ainda no movimento de “*por os conceitos a funcionar*” (Corazza,2000), procuramos, a partir da noção de “*terna empiria*” (Benjamin, 1993) , pensar a “ética infantil” no trabalho com as crianças e com as imagens das crianças nos cotidianos da escola,

¹ Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense.

sempre uma aventura, sempre uma experimentação, sempre um improviso, sempre um movimento que faz da *pesquisacom* (*os cotidianos, as crianças, as professoras, as escolas, etc.*) um ato criativo.

A PESQUISACOM...

A *pesquisacom* o cotidiano da escola toma como parceiros os sujeitos que praticam a realidade (Certeau, 1988). Tal princípio afirma a não neutralidade de nossas pesquisas “interessadas” e coloca na cena investigativa o pesquisador e seu outro, ou seja, um modo de pesquisar cuja marca é a experiência de alteridade, que se engendra nas redes cotidianas tecidas coletivamente *com e pelos* sujeitos das escolas. Portanto pesquisar *com* o cotidiano é enredar-se no complexo movimento de tecer (*fazer junto*) redes de *saberesfazeresⁱ* com os sujeitos praticantes e suas vidas cotidianas; é pesquisar *com* a escola e pensar *com* a escola e as professoras, é pesquisar *com* as crianças e suas imagens, é dialogar *com* as crianças e suas lógicas.

Os estudos (e a pesquisa) *com* os cotidianos das escolas e das práticas educativas em diferentes *espaçostempos*, problematizam e recusam o modelo hegemônico de pesquisa fundado na separação sujeito/objeto e em *a priori*s analíticos previamente definidos que negam a alteridade, reduzem o sujeito a condição de objeto e produzem um discurso colonizador sobre o outro. Modelo esse que, ainda hoje, como aponta Barbosa (2014), se constitui em referência de ciência para grande parte das fundações de apoio à pesquisa e revistas científicas. Ferraço (2007) ao discutir as diferenças das pesquisas *com* e sobre os cotidianos, destaca que

A identificação objetiva de “categorias” e/ou “temas” de análise dos cotidianos só é possível, só tem sentido em estudos e pesquisas “sobre” os cotidianos. Pesquisar “sobre” traz a marca da separação entre sujeito e objeto. Traz a possibilidade de identificarmos o cotidiano como objeto em si, fora daquele que o estuda, que o pensa ao se pensar. Traz a marca do singular, do identificável em sua condição de objeto. Pesquisar “sobre” aponta a lógica da diferença, do controle. Resulta no sujeito que domina, ou crê dominar, o objeto. Um “sobre” o outro, que “encobre”, que se coloca “por cima” do outro sem entrar nele, sem o “habitar”. Pesquisar “sobre” sugere a intenção de poder falar do outro a partir do outro, isentando-nos desse outro, colocando-nos separado desse outro (p.77).

Pesquisar *com* nos desafia a ultrapassar fronteiras e limites epistemológicos, portanto, em nossas investigações *com* os cotidianos das escolas, *com* as crianças e jovens, *com* as professoras, etc. buscamos, a partir de uma *investigação cúmplice*, subverter a relação pesquisador(a) pesquisado(a):

não mais a relação binária sujeito/objeto e sim, a relação solidária *sujeitosujeito*, não mais a escolha entre o sujeito metafísico e o objeto submetido ao olhar positivista e sim, a

multiplicidade do acontecer humano, não mais a identidade mesmidade e sim, a complexidade das diferenças que nos constituem.(Pérez, 2003^a, p.46)

A *pesquisacom* pensa o cotidiano como redes de fazeressaberes tecidas pelos praticantes: um processo de fazerjunto cujas referências são as experiências de todos os envolvidos, autores, de uma investigação tecida coletivamente. É ainda Ferraço quem nos chama atenção para um aspecto relevante da *pesquisacom*

Questões, temas, objetos de análise só se sustentam na perspectiva da pesquisa com o cotidiano quando se mostram como envolvidas, como inerentes aos processos de tessituras das redes que estão sendo tecidas pelos sujeitos cotidianos. Porque sempre tecidas junto com outras questões, são sempre questões complexas (Morin,1994). Qualquer imposição temática, qualquer desconsideração com relação às questões que estão sendo tecidas pelos sujeitos resulta em “descredenciamento” (que na maioria das vezes não é verbalizado) de nossas pesquisas pelos sujeitos cotidianos (idem, p.79).

A *pesquisacom* cria espaços solidários e comuns de vontade, decisão, desejos e transformação. O comum é construído pelo reconhecimento do outro, movimento e comunicação de singularidades engendrado na pluralidade de significações e multiplicidade de saberes, que constituem a alteridade dos diversos sujeitos que circulam no cotidiano da escola. Ao pesquisar *com* investimos na criação compartilhada de um núcleo comum de experiências e conhecimentos singulares - espaço comunal de circulação/produção de diferentes saberes e modos de vida -, pois o comum se aproxima de uma razão outra - razão aberta as singularidades de sujeitos praticantes de formas insurgentes de mover-se no mundo.

Pesquisar *com* nos possibilita viver a experiência de uma “comunidade investigativa” em que o trabalho de campo, longe de ser apenas um espaço de coleta de dados constitui um movimento coletivo de produção e partilha sobre o conhecimento, corroborando o que Boaventura Santos (doravante BSS) defende como papel de uma pesquisa numa perspectiva emancipatória: a assunção do conhecimento emancipação que se nutre do princípio da solidariedade como forma hegemônica de saber. (Cf. PÉREZ, 2003b, p.8).

Nesse sentido a coleta de dados traduz uma opção *políticopistemológica* que, “ao desejar conhecer *com*” assume as implicações e as ambigüidades presentes nesse processo. Portanto, o trabalho de coleta de dados e a própria pesquisa são permanentemente problematizados como um território *prácticoteórico* de ação povoado de singularidades. Tal opção exige uma “vigilância epistemológica” (BSS,2007), com intuito de manter uma coerência ética nas ações de pesquisa, bem como uma atitude cuidadosa para com as crianças, jovens e professoras, parceiro(a)s de investigação.

ORA,ORA,ORA... – EXPERIMENTAÇÃO E INVENÇÃO NA PESQUISA COM AS CRIANÇAS

Para Deleuze e Guattari (1997) o maior compromisso da filosofia é a criação de conceitos. É a partir desta perspectiva que me aproprio do conceito de ritorneloⁱⁱ- apontado pelos próprios autores como uma de suas mais importantes criações – como balizador de reflexões que, ao problematizar a *pesquisacom* as crianças e suas imagens buscam, a partir da experimentação e da invenção, pensar o que venho chamando de “ética infantil”.

Ritorneloⁱⁱⁱ uma invenção potente que Deleuze e Guattari (1997) nos apresentam como uma “tipologia”, ou seja, o sentido de ritornelo é referenciado pelas circunstâncias em que é operado e está articulado a outros ritornelos com sentidos (e significações) diferenciados. Para os autores, mais do que significar algo, um conceito funciona como um grito que provoca ressonâncias e produz vibrações com outros conceitos – um ritornelo.

Um ritornelo é composto por três aspectos numa mesma coisa, uma mistura: ora se vai *do caos a busca do território* – o caos é um imenso buraco negro e buscamos fixar nele um ponto como centro, a busca de uma direção ou traçado de um caminho, como uma criança no escuro que canta para acalmar o medo, que anda, para e caminha ao sabor da canção...

Uma criança no escuro, tomada de medo, tranquiliza-se cantarolando. Ela anda, ela para ao sabor de sua canção. Perdida, ela se abriga como pode, ou se orienta bem ou mal com sua cançãozinha. Esta é como o esboço de um centro estável e calmo, estabilizador e calmante no ceio do caos. Pode acontecer que a criança salte ao mesmo tempo que canta, ela acelera e diminui seu passo; mas a própria canção já é um salto: a canção salta do caos a um começo de ordem no caos, ela arrisca também deslocar-se a cada instante. Há sempre uma sonoridade no fio de Ariadne. Ou o canto de Orfeu. (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p.101).

Ora delimita um território em torno do ponto (o centro) e *organiza o agenciamento* – uma pose mais do que uma forma, calma e estável, construção de um espaço a ser habitado, um espaço íntimo onde o caos é exterior, o buraco negro transforma-se num em-casa, nesse aspecto o ritornelo busca criar o território para a realização de uma obra.

Agora, ao contrário estamos em casa. Mas o em-casa não preexiste: foi preciso traçar um círculo em torno do centro frágil e incerto, organizar um espaço limitado (...). Eis que as forças do caos são mantidas no exterior tanto quanto possível, e o espaço interior protege as forças germinativas, de uma tarefa a ser cumprida, de uma obra a ser feita. (Idem, p.101).

Ora escapamos da pose para fora do buraco negro, uma passagem, uma fuga, um território sempre transitório, inter agenciamentos - operações das linhas de fuga que nos permitem escapar do agenciamento territorial em direção a outros agenciamentos, saltar para fora do buraco negro.

...entreabrimos o círculo, nós o abrimos, deixamos alguém entrar, chamamos alguém, ou nós mesmos vamos para fora, nos lançamos (...) abrimos o círculo(...) numa outra região criada pelo próprio círculo. Como se o próprio círculo tendesse a abrir-se para um futuro, em função das forças em obra que ele abriga. E dessa vez é para ir ao encontro das forças do futuro, forças cósmicas. Lançamo-nos, arriscamos uma improvisação. Mas improvisar é ir ao encontro do mundo, ou confundir-se com ele. Saímos de casa no fio de uma cançãozinha. Nas linhas motoras, gestuais, sonoras que marcam o percurso costumeiro de uma criança, enxertam-se ou se põem a germinar “linhas de errância”, com volteios, nós velocidades, movimentos, gestos e sonoridades diferentes. (Idem, p.101-2).

O conceito de ritornelo nos permite capturar sua dinâmica a partir dos componentes de seu movimento circular: o componente direcional (do caos ao limiar do agenciamento territorial); componente dimensional (organização e consolidação do território); componente de passagem (fuga, saída do território, inter agenciamento), ênfases que traduzem, segundo Zourabichvili (2004), a própria *lógica da existência* - pois sempre se habita um território a partir dos movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

O movimento circular do ritornelo me inspira a pensar nas implicações éticas, a partir do uso do conceito na *pesquisacom* as crianças: organização cíclica da qual entramos e saímos a cada acesso à linguagem, um ritornelo que nos conduz a um território comum, uma espécie de lugar entre o eu e o que está fora de mim (o outro, o mundo), uma conexão movente de sentidos que nos permite constatar o óbvio:

ficamos mais sós - quando não recebemos aqueles/as que chegam com diferentes possibilidades do dizer-, ficamos mais pobres - pois o intercambiar de experiências é potência do dizer, do narrar-, por fim, podemos ser esquecidos ou apagados com maior rapidez - pois se deixa menos marcas quando as *redes de conversações* são menores e seus fios mais frágeis.(PÉREZ e ALVES, 2012, p.297).

O conceito de ritornelo me ajuda a compreender as andanças e presenças das crianças no mundo, sua *razão inadequada* e suas experimentações na linguagem (território criado). A criança tateia o mundo movendo-se do caos à ordem sempre de passagem, sempre *entre* vias bifurcantes de sentidos - transitórios e cambiantes. Na linguagem a criança experimenta o mundo como um alquimista que mistura fragmentos de experiências, faz diferentes *com-fusões*^{iv} de saberes, cria novas conexões, inventa outras grafias para o pensamento e produz outros sentidos, com os quais opera cotidianamente, como nos apresenta Lima (2013) em sua *pesquisacom* as crianças^v.

Rian (8) diz:

- Eu fico cinco meses do dia no pé de arará”^{vi}.

Leonardo (11) explica como é feito o vidro^{vii}:

- O vidro vem da cabeça de um homem que utilizou os materiais corretos para fazer.

-Que materiais?

- Sulfato de sódio e cloridato de sódio.

- De onde você tirou essa resposta?

- É que outro dia eu estava lendo o rótulo de uma bebida. Era de uma caixa de leite. E me lembrei disso; E mais uma coisa; o cara que inventou isso tirou a ideia do reflexo d'água.

(Fonte da pesquisa À Captura do INvisível em diálogo com os IN-visíveis da sala de aula.)

e para Guillermo (10), espírito é “um aparelho que a pessoa tem e que não sai num livro de ciências”^{viii}.

A *razão inadequada* da criança permite experimentações sobre *tudo aquilo que dá ao pensamento pensar*. Movimento potente de invenção, que aproxima a lógica infantil à lógica da vida cotidiana, se afasta da lógica formal do mundo adulto e, faz da existência uma experimentação, um ritornelo.

Pesquisar com as crianças as movimentações do pensamento é viver a *experiência* como ação do conhecer, como exercício de uma lógica da descoberta, de uma percepção descontínua e de um olhar que apreende e incorpora o movimento de novos saberes e sensibilidades. É priorizar as conexões e seguir as bifurcações que as perguntas das crianças provocam, como no diálogo com Sofia (11) que Lima (2013) nos apresenta:

- O que antiquado?

- O que você acha que é?

- Não sei, por isso estou perguntando.

- Pense. Tente responder como se soubesse. O que você me diria?

- Antiquado é colocar alguma coisa fora de um quadro onde acontecem coisas normais.

(...)

- Fala mais...

- Pensei num retângulo cinza, que ficou grandão na minha cabeça... era um quadrado desenhado de giz, dentro desse quadro. E nesse quadrado tinha o desenho de pessoas normais, indo

trabalhar... Fazendo coisas que todo mundo faz. E fora desse quadro tinha algo que seria antiquado. E aí achei que antiquado fosse isso, colocar alguma coisa fora quadro.

(Fonte Idem)

As perguntas que as crianças fazem ao mundo emergem de suas experiências existenciais; perguntas que tencionam o pensamento, produzem fugas e bifurcações, deslocam referências, inventam linhas de desterritorialização e apontam processos criativos num movimento em que lógicas e linguagens se alteram e se alternam, na fluidez e na mutabilidade das experimentações de outras formas de inteligibilidade que *colocam as coisas fora do quadro*.

AS CRIANÇAS E SUAS IMAGENS

As invenções das crianças confundem “caminhos seguros”, rompem limites, ultrapassam fronteiras, desenham outros mapas e engendram novas paisagens. Suas operações inventivas engendram soluções para problemas criados no mundo adulto – como descobre Delgado (2015) na *pesquisacom as crianças - seus alunos*^{ix}.

“Ainda no início do ano letivo iniciou-se um trabalho de escrita em nossa sala que buscava, de forma tranquila dizer um pouco da vida de cada criança da turma. Sem pressa e respeitando seu tempo, orientei as crianças na produção de um pequeno texto que falava um pouco de suas vidas – de seus sonhos, de alguns medos, enfim, de coisas que julgam importantes ser ditas naquele momento. Primeiramente escritas à mão, hora em folhas avulsas, hora no caderno, depois compiladas e digitadas pelas crianças durante a aula de informática, as autobiografias foram se construindo. Depois do texto finalizado quiseram tirar uma fotografia, que posteriormente inspiraram seus autorretratos. O problema surge quando da decisão de incorporar tal experiência à dissertação. As fotografias que constituíam os autorretratos registravam imagens de rostos sorridentes em poses produzidas diante das câmeras. Tal exposição, eticamente inaceitável, colocou um problema: não era possível retirá-los e não tinha sentido “borrá-los” ou “manchá-los” a fim de proteger a identidade das crianças. Como resolver tal impasse? Após muito pensar não consegui chegar a solução alguma. Levei o problema para as crianças, que rapidamente me apresentaram a solução: *a gente faz assim, passa o lápis em cima da foto e faz um desenho, assim a imagem não é foto é um desenho que a gente fez da gente mesmo e desenho não é igual a foto, é diferente, assim a gente fica igual, mas diferente*”.



Figura 1- Natalia (10)

(Fonte da pesquisa *Narrativas e Práticas Docentes...*)



Figura 2 Marcelo (10)

(Fonte Idem)



Figura 3 - João (12)

(Fonte Idem)

*A pesquisacom as crianças é movimento, trânsito deslocamento. Pesquisar com as crianças é se deixar levar por diferentes fluxos e viver a experiência do estranhamento, da não compreensão – a criança provoca o pensamento e nos força a pensar: força o pensamento e nos desafia, a pensar um pensamento que escapa dos contornos previamente delineados; força o pensamento e nos obriga a negociar compreensões; força o pensamento e nos leva a produzir sentidos outros nas relações cotidianas num mundo *em-escola*.*

Na *pesquisacom as crianças*, temos vivido, todos os implicados - eu, crianças, professoras e bolsistas^x - no processo investigativo, o movimento circular do ritornelo: a destruição das certezas nos desafia a produzir outras formas de inteligibilidade; o estranhamento que provoca deslocamentos exige o exercício de outros “modos de olhar” as crianças e suas operações cotidianas - invenções e descobertas que provocam desvios e nos lançam no inusitado (para a escola) espaço de liberdade e criação.



Figura 4- Crianças em assembleia – fotografia de Wallace (12) – em 22/06/2015

(Fonte: acervo da pesquisa Injustiças Cognitivas ...)xi.

“A assembleia vem se consolidando como espaço de conhecimento e interação. As crianças reconhecem e exercitam o seu direito de falar, de serem ouvidas (...) sabem que suas opiniões são legitimadas e legitimam práticas e condutas. Quando pensamos na organização democrática da aula nos assustamos com o que estamos fazendo – as crianças exercem plenamente o direito de gerir suas aprendizagens e estudos e sabem que nós reconhecemos e legitimamos esse direito. Acho que estamos inventando com as crianças uma forma nova de organizar as aulas”. (Relatório de pesquisa – bolsista Natália).

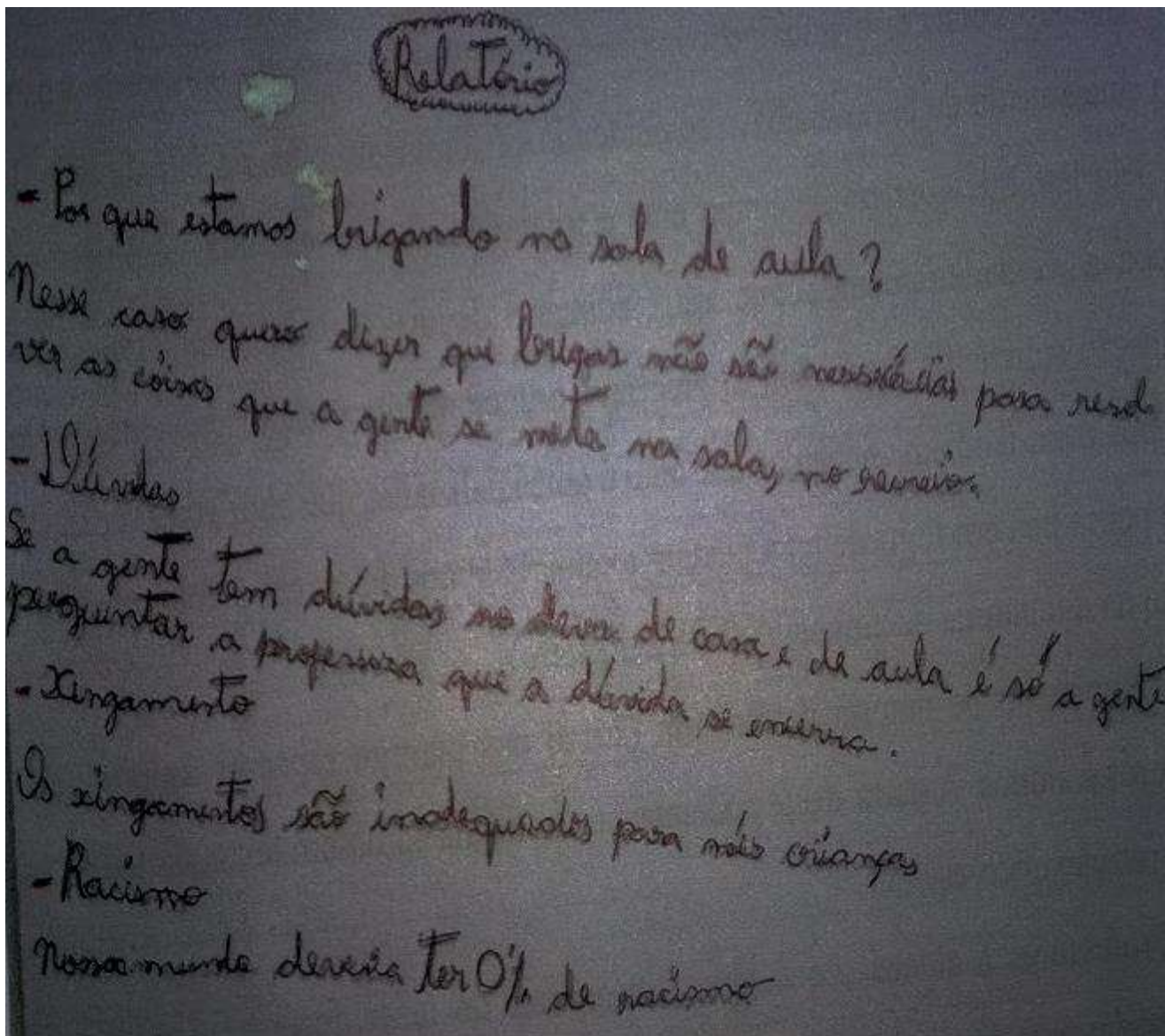


Figura 5- Relatório de Milena (11) com seus registros da assembleia^{xxi} de 22/06/2015

(Fonte Idem)

foi em sala de aula Terel uma briga que
deixou todos da sala atenciosos,
na assembleia foi o garoto do uff fizemos
tudo um grande encontro e descobrimos o
motivo da briga, foi porque o Gabriel Rimer ti-
nha aparecido de várias vezes e Wallace an-
tigamente.
E foi um guarda lá na sala conversar com
o pai e a ida dele lá, na minha opinião foi
totalmente desnecessária.

Figura 6 - Ata de João Vitor (11) da assembleia de 29/06/2015 –

(Fonte Idem)

“A aula como acontecimento se faz a partir da assembleia. Cada dia que chegamos à escola não sabemos o que vais acontecer. Temos uma ideia na cabeça e o material organizado a partir das discussões e desejos das crianças, que a assembleia definiu como pauta do encontro seguinte. Mas de fato nunca sabemos o que vai acontecer, a pauta muda sempre. Nos encontramos apenas uma vez por semana, e nesse espaço de tempo muita coisa acontece na vida deles e no mundo. Nunca sabemos de antemão como a aula vai acontecer. Só temos o tema, a ideia na cabeça. Improvisamos sempre. Estou aprendendo a improvisar. E como é difícil. Contrariamente ao que todo mundo pensa para improvisar tem que saber muito. Quem só sabe o feijão com arroz, não improvisa, não cria, não inventa, só repete. Estou aprendendo com as crianças uma outra forma de fazer o planejamento das aulas. Planejar com as crianças é difícil, é um desafio. É muito bom inventar com elas as aulas. Como no dia que conversamos sobre o PIBID e elas inventaram o protesto “Eu não tenho CPF, mas eu quero PIBID”, porque descobriram que só podia assinar o abaixo-assinado quem tem CPF. Foi muito interessante, ver como se organizaram. A aula foi muito divertida e prazerosa”. (Relatório de pesquisa – bolsista Letícia).

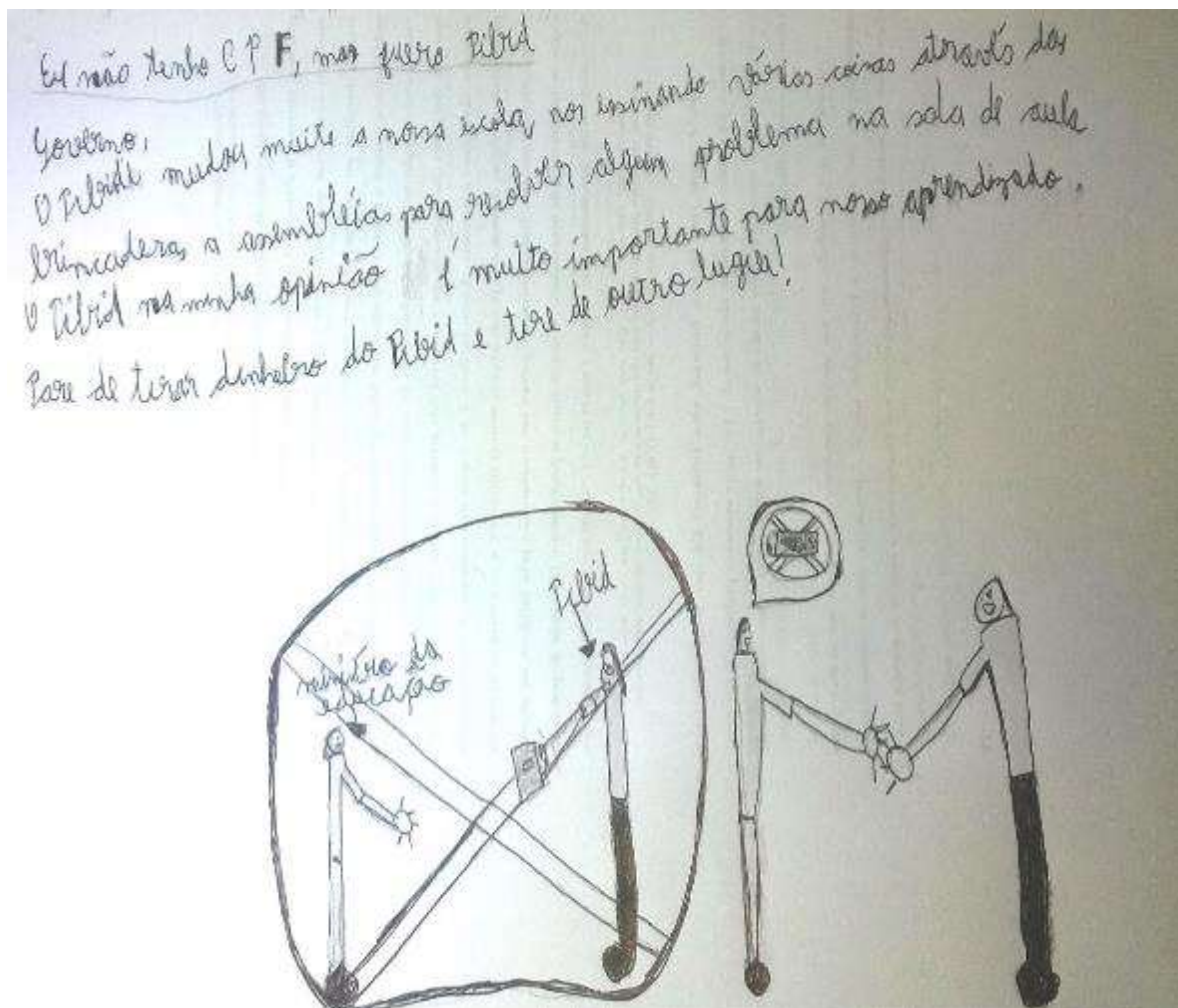


Figura 7 - Cartaz de Gustavo (11) – produzido e fotografado por Gustavo em 02/07/2015xiii.

(Fonte Idem)

Ao nos dobrarmos sobre as imagens produzidas pelas crianças no decorrer das investigações, constatamos que muito pouco sabemos sobre elas. Para nós, as crianças e suas infâncias ainda constituem um mistério e são elas, as crianças com as quais pesquisamos que têm nos ensinado a compreendê-las. O que temos conseguido apreender na pesquisa com as crianças é que a simplicidade da relação experiência-aprendizagem está implicada numa multiplicidade qualitativa e virtual – que se atualiza nos diferentes traçados de seu pensamento, nas diversas direções em que flutuam sua atenção e na pluralidade de pontos de vista que caracterizam suas descobertas e invenções – como produzir um corpo humano sem órgãos, só com detalhes.^{xiv}



Figura 8- A Pele - Wanessa (7)

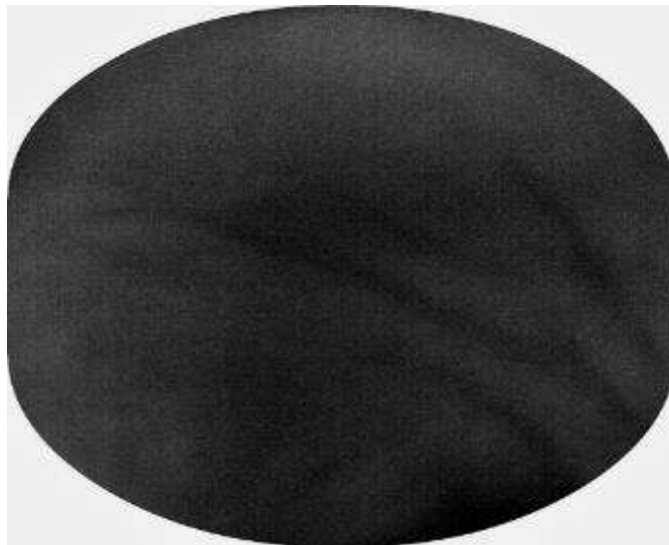


Figura 9 – A palma da mão Matheus (9)
(Fonte: acervo da pesquisa Injustiças Cognitivas...)



Figura 10² - O cotovelo - Daniel (8)

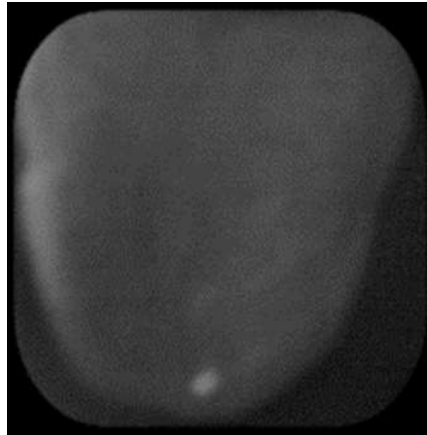


Figura 11- Minha língua - Joana (7)

(Fonte: acervo da pesquisa Injustiças Cognitivas...)

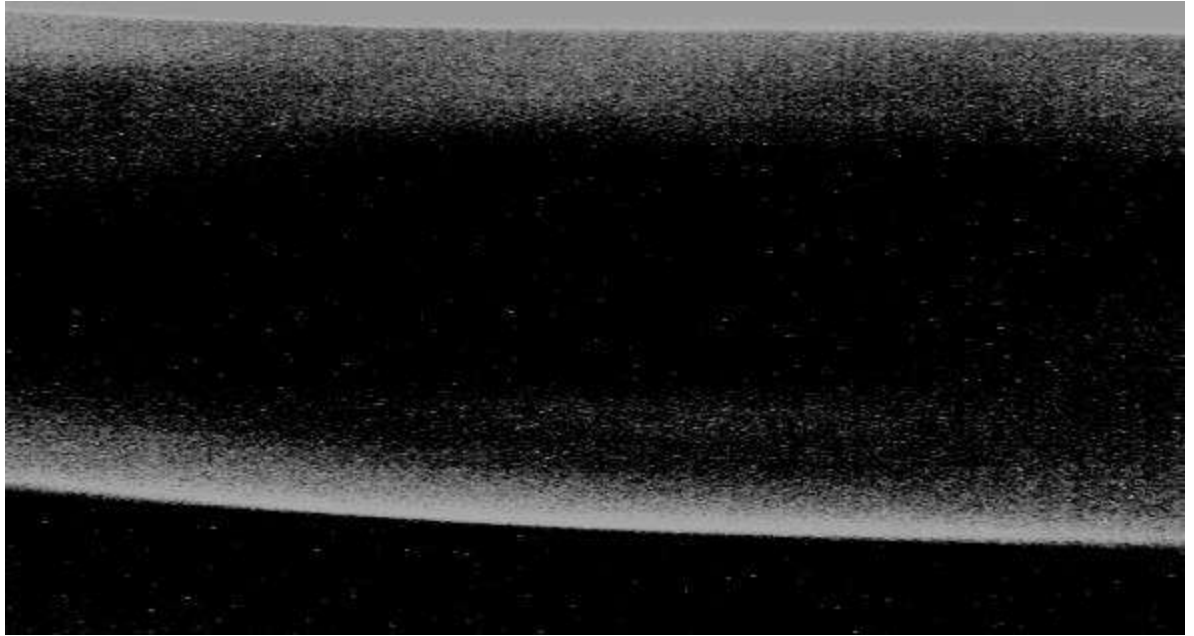


Figura 12- O braço esticado - Heitor (9)
(Fonte: acervo da pesquisa Injustiças Cognitivas...)

As crianças, como o trapeiro e o poeta, colecionam sobras, cacos, fragmentos ou destroços e os renovam, ressignificam e (re)inventam a experiência do mundo: percebem, dialogam, transitam, transcriam o mundo pela linguagem e escrevem com a luz.. Produzem imagens, criam perceptos - conjunto de percepções e sensações que se tornaram independentes de quem o sente e, afectos - devires que excedem as forças daquele que passa por eles (Deleuze,1992). Crianças poetas e narradoras que fazem da linguagem um acontecimento.

As imagens que as crianças produzem são multiplicidades concretas e intensivas, plano de composição de pensamento em que a intuição afirma a diferença no jogo do atual e do virtual. Na pesquisa assumimos a produção das imagens como potência criadora e criativa e, abandonamos a concepção de conhecimento como representação do mundo por imagens mentais. Para nós as imagens são multiplicidades que singularizam a individuação do pensamento em cada dobra do mundo: desconhecidos traçados no mundo-cérebro que engendra novas conexões, novas trilhas, novas sinapses para novas composições do singular- dobra do cérebro sobre si mesmo que potencializa o múltiplo e produz singularidade, pela atualização do virtual^{xv}.

As narrativas visuais das crianças nos mostram como elas sorvem o mundo, produzem perceptos e engendram outros afectos e afecções a partir de sua experiência de mundo. Produzem imagens pelo prazer de fazê-las, a câmera desliza num *planoefeito* de uma imagem pura que se desprende da narrativa, um *opsigno*^{xvi}, que permite aos sentidos experimentar a liberdade na relação *tempopensamento*.

De um modo geral podemos dizer que a criança, pelas imagens produzidas, pelas imagens que produzem, nos oferecem um movimento de abertura. Ao ver as imagens produzidas pelas crianças estamos sempre postos em um movimento de abertura pois elas (crianças e imagens) sempre nos deixam algo em aberto, sempre ficamos esperando mais, as imagens inauguram um mundo de perceptos e a afectos, as imagens acontecem, nos acontecem pois os cortes, propositais ou não, acidentais, produtos de olhares rápidos que despregam das coisas, que despregam as coisas, olhares cheios de perguntas, sem técnicas, povoados de ecos, sons, imagens que nos deixam esperando e nos fazendo perguntar ‘o que vem depois?’. (LEITE, IN PÉREZ&LEITE, 2015, p.12)

A conjugação de linguagens desenho, escrita e oralidade, permite ampliar nossa compreensão sobre os processos inventivos das crianças. A informação veiculada pelo desenho é complementada pela escrita e ampliada pelo relato oral. Michel de Certeau (1998) nos lembra que todo relato é uma prática e são as narrativas que vão “ *...precisar as formas elementares das práticas organizadoras das focalizações enunciativas*” (1998:201). A pesquisa *com* as crianças tem confirmado as formulações de Michel de Certeau, ao apontar que as lógicas operatórias são plurais, por que são plurais as experiências dos praticantes.

A *pesquisacom* as crianças têm se traduzido numa experiência estética, com elas venho aprendendo que o exercício de *olhar o olhar das crianças* nos possibilita captar as singularidades no/do processo de conhecer de cada uma. O exercício do olhar estético no cotidiano da sala de aula implica mobilizar os diferentes sentidos e as redes de significados que tecem as ideias, as imagens e suas invenções cotidianas.

As invenções das crianças operam no plano de uma estética da existência - processos criativos que apontam outras composições possíveis de um mundo *em-escola*, que se afirma na experimentação da vida.

Na *pesquisacom* as crianças o fazer investigativo exige o abandono da contemplação e da atenção focal como forma de conhecer (princípio fundado na tradição ótica da modernidade) e a afirmação da percepção (ética) que engendra outro modo de olhar invenções: olhar minucioso aos modos de operar das crianças; olhar atento às complexas relações de suas vidas cotidianas; olhar interessado que volta-se para as emergências; olhar curioso que segue seus diferentes processos e formas singulares de conhecer. Vencer a cegueira que transforma saberes em ficção é um desafio ético e político que exige a inversão epistemológica e instaura uma economia do olhar que, ao questionar o olhar de quem olha, prioriza o olhar de quem é olhado - percepção que reconhece presenças nas ausências, abandona as evidências e aposta nas virtualidades.

O empírico seria terno por seduzir o observador. A pesquisa tem me ensinado que o encontro *com* as crianças em sua *corporeidade* (em suas elaborações, pensamentos e invenções) exige a busca no mistério, nas zonas de invisibilidade produzidas pela modernidade. Como indica Benjamin (1993), na alegoria em que *um bêbedo procura sua moeda perdida próximo ao candeeiro, apesar dela ter caído nos lugares de sombra, porque a luz era a condição de encontrá-la*; a procura de formas de *conversações com* as crianças se dá no distanciamento de zonas de segurança ou conforto para experimentar o desafio de nossa sensibilidade. Pesquisar *com* crianças é enfrentar o desafio de procurar “moedas” nas sombras sem a segurança das luzes.

a estar atento ao que escapa a sua sombra, ao fora de si; uma doação que faz da abertura do pensamento o efeito de um contágio, de uma sedução realizada por algo que extrapola o isolamento arrogante da razão ou do sujeito. Solicita ao pesquisador ser vulnerável, adotando uma estratégica fragilidade para disponibilizar-se ao que sucede, ao que possa acontecer. Esta solicitação não é restrita a questões metodológicas. A política da “terna empiria” indica-nos uma proposta ética. (BAPTISTA, 2010, p.111).

Essa forma de investigação é também uma invenção. Na pesquisa inventada o empírico desacomoda, desterritorializa ‘verdades’, escapa às análises totalizantes e impõe o exercício da *terna empiria* (Benjamin, 1993). À estética da existência articula-se uma ética da experimentação – em que o empírico se torna terno “*por recusar ao sujeito a missão onipotente de centralizar em si o desenvolvimento daquilo que observa*” (BAPTISTA, 2010, p.110).

Na *pesquisacom* as crianças busco tecer outras possibilidades de compreensão dos atravessamentos presentes nos cotidianos das escolas. Portanto, as opções teóricas e as “capturas conceituais” se conectam a uma rede de significações singular que configura a trama investigativa e destaca a necessidade de “*pôr os conceitos a funcionar, estabelecendo ligações possíveis entre eles...*” (CORAZZA, 2000, p.18), para produzir conexões que engendram outras significações, novas abordagens e problematizações *na e para* a investigação.

Na pesquisa o conceito de terna empiria funciona como uma política de investigação “isenta de preconceitos, e mesmo audaciosa, mas ao mesmo tempo terna [...] uma terna empiria que se identifica intimamente com o objeto e com isso transforma-se em teoria” como aponta Benjamin (1993, p,103) e, como proposta ética.

A política da “*terna empiria*” aponta sempre para uma possibilidade de fuga, para novos encontros, para outras invenções. Movimento de passagem por territórios de afetos que engendra uma ética infantil, que experimenta *com* a pesquisa, *com* a criança, um pensamento que experimenta ‘com’, que não diz o que é..., mas compõem *com* as crianças modos de pensar; uma ética nômade, descontínua, movente que se apresenta nas cesuras, rupturas e fraturas dos tempos, espaços e

corpos no movimento permanente de experimentação e de invenção de outros modo de existir na escola e na vida.

REFERÊNCIAS

- ALLIEZ, Eric. Deleuze Filosofia Virtual. São Paulo. Editora 34, 1996.
- BAPTISTA, Luiz Antônio dos Santos. Noturnos Urbanos, Interpelações da literatura paea uma ética da pesquisa. In: Estudos e Pesquisas em Psicologia. UERJ-RJ, ano 10, n.1 – 1º semestre de setembro de 2010. Disponível em <http://www.revipsi.uerj.br/v10n1/eartigos/pdf/vol10n1a08.pdf>. Acessado em 04/04/2015.
- BARBOSA, 2014. Maria Carmen Silveira. A ética na pesquisa etnográfica com crianças: primeiras problematizações. In: Revista Práxis Educativa. Ponta Grossa, v.9, n1, jan/jun, 2014. Disponível em: <http://www.revistas2uepgbr/index.php/praxiseducativa>
- BENJAMIN. Walter. Mágica e Técnica. Arte e Política Rio de Janeiro. Editora: Brasiliense, 1993.
- CERTEAU, Michel de . A Invenção do Cotidiano I. As artes de fazer. Pretópolis. Editora: Vozes, 1988.
- CORAZZA, Sandra. O Drama do Currículo: Pesquisa e Vitalismo de Criação. ANPed SUL – Seminário de Pesquisa da Região Sul, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/128/786>
- COSTA, Luciano Bedin. O Ritonello em Deleuze-Guattari e as três éticas possíveis. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/005e2.pdf>. Acessado 06/05/2015
- _____. Biografema como estratégia biográfica. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, sob a orientação da professora Sandra Mara Corazza, 2010.
- _____. O que é a filosofia? Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Allonzo Muñoz. Rio de Janeiro: Ed 34, 1992.
- DELEUZE (2011). O abecedário de Gilles Deleuze. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação – TV Escola, 2011.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed 34, 1997.
- DELGADO, Leandro José de Oliveira. Narrativas e Práticas Docentes: Reinventando o Cotidiano Escolar. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Niterói. UFF. Disponível em: <http://www.poseduc.uff.br>. Acessado em: 08/05/2015.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. Educação e Sociedade, nº 98, abr/jun. Campinas: Cedes, 2007.
- GONÇALVES, Renata Corrêa e SILVA, Lygia Higino da. Fotografias esquisitas: enigmas do olhar. IN: Alves, Nilda e ARAÚJO, Mairce (orgs). Jornal Eletrônico Redes Educativas e Currículos locais. Disponível em: www.lab-eduimagem.pro.br/jornais/redes_cvs
- LIMA, Márcia Fernanda Carneiro. (2013). À Captura do INvisível em diálogo com os IN-visíveis da sala de aula. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Niterói. UFF. Disponível em: <http://www.poseduc.uff.br>. Acessado em: 03/03/2015.
- NARANJO, Javier. Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças. Desenho e ilustração: Lara Sabatier; tradução Carla Branco. Rio de Janeiro: Foz: 2013.
- PÉREZ. Carmen Lúcia Vidal. Professoras Alfabetizadoras. Histórias Plurais. Práticas Singulares. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003^a
- _____. O lugar da memória e a memória do lugar na formação de professores: a reinvenção da escola como uma comunidade investigativa. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 26. 2003, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPEd, 2003b.
- PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal e ALVES, Luciana Pires. Diálogos extemporâneos no cotidiano escolar: a pesquisa com as crianças. Revista ETD. EDUCAÇÃO TEMÁTICA DIGITAL, vol. 14 (1). Campinas: UNICAMP, 2012. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd>

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal e LEITE, Cesar Donizetti Pereira. (2015^a). Quem é esse menino que faz do mundo outro menino? ANPED – 37^a Reunião Anual. Florianópolis. Disponível em: <http://www.anped.org.br/57RA/trabalhos>

SANTOS, Boaventura de Sousa. Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. São Paulo: Boitempo, 2007

ZOURABICHVILI, François. O Vocabulário de Deleuze. Trad. André Telle. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

RESUMO

O presente artigo busca discutir as implicações éticas nas pesquisas com o cotidiano das escolas, com crianças e com suas imagens. No primeiro momento, a partir da grafia *pesquisacom* problematizamos o conectivo *com* na perspectiva das redes cotidianas de *saberesfazeres*, a partir das noções de comum e singular, mais especificamente de singularidade, para pensarmos uma ética de pesquisa com os sujeitos praticantes da/na escola. No segundo momento trazemos o conceito de ritornelo (Deleuze e Guattari) como base (ou solo nas palavras dos autores), das imagens polifônicas engendradas pelas crianças. O ritornelo como "lei costumeira", "não escrita" é um *ethos*, mas o *ethos* é também a morada. E é como morada que pensamos o que vimos chamando de "ética infantil"; não uma ética das crianças, mas uma ética *com* as crianças, não uma ética que controla, delimita, prescreve; mas uma ética que escapa ao sentido dado, que escapa à palavra acostuada e produz imagens outras - que não é técnica, que não faz procedimento. A ética infantil é singular, é experimentação, é experiência - abertura onde circulam palavras, sentidos, possibilidades, onde se produz narrativas (também visuais); vibração, variação, decomposição, *com-posição*, projeção, transformação, movimento. A ética infantil é o movimento nômade no território dos afetos: uma "geo-ética" - plano de experimentação, linha de fuga que o desejo abre, fluxo que faz agenciamentos coletivos, movimento que sai em busca de novos territórios. A ética infantil não generaliza verdades, não pode ser provocada e não se programa em um mapa de causalidades e efeitos, certezas, mas aponta uma possibilidade de fuga de um território e está sempre aberta para novos encontros. Num terceiro momento, ainda no movimento de "*por os conceitos a funcionar*" (Corazza, 2000), procuramos, a partir da noção de "*terna empiria*" (Benjamin, 1993), pensar a "ética infantil" no trabalho com as crianças e com as imagens das crianças nos cotidianos da escola, sempre uma aventura, sempre uma experimentação, sempre um improviso, sempre um movimento que faz da *pesquisacom* (os cotidianos, as crianças, as professoras, as escolas, etc.) um ato criativo.

Palavras-chave: *Pesquisacom*. Ética infantil. Ritornelo. Terna empiria. Invenção.

ABSTRACT

This article discusses the ethical implications in research with the daily life of schools, with children and with their images. At first, from the spelling *pesquisacom* problematize the connective with the perspective of everyday networks *saberesfazeres*, from the common and singular notions, more specifically of uniqueness to think of a research ethics with the subjects practitioners / school. The second time we bring the concept of refrain (Deleuze and Guattari) based (or ground in the words of the authors), the polyphonic images engendered by children. The refrain as "customary law", "unwritten" is an *ethos*, but the *ethos* is also the address. And it's like abode we think what we saw calling "Children ethics"; not an ethical children, but an ethics with children, not an ethic that controls, borders, prescribes; but an ethics which is outside the given direction, escaping the word used and produces images other - which is not technical, it does not make procedure. Child ethics is singular, is experimentation, is experience - opening where circulating words, meanings, possibilities, which produces narratives (also visual); vibration, change, decomposition, composition, projection, transformation, movement. Child ethics is the nomadic movement in the territory of affects: a 'geo-ethics' - trial plan, escape line that desire open, flow is collective assemblages, move out in search of new territories. The child does not generalize ethical truths, it can not be provoked and not programmed on a map causalities and effects, certainties, but points to a possibility of escape of a territory and is always open to new encounters. In a third, still in motion "by the concepts to work" (Corazza, 2000), we seek from the notion of "gentle empiricism" (Benjamin, 1993), think "child ethics" in working with children and images of children in school everyday, always an adventure, always a trial, always an improvisation, always a movement that makes *pesquisacom* (everyday, children, teachers, schools, etc.) a creative act.

Keywords: Research with. Children's ethics. Refrain. Tender empiricism. Invention.

NOTAS

i - Articular palavras numa única grafia é inventar uma outra gramática para/na escrita da pesquisa, uma modo de escrever que destaca o movimento de articulação, complementariedade e implicação das ações, acontecimentos e processos cotidianos.

ii - Originalmente ritonello se refere a uma marcação usada para delimitar um trecho musical em uma partitura, o qual refere-se a um refrão. A marcação é composta por dois símbolos na partitura, um que marca o início "|:", e outro que marca o fim ":|". Todo trecho compreendido entre esses símbolos é o segmento a ser repetido.

iii - Deleuze (2011) nos fala: “criamos um conceito muito importante: o de ritonello. Para mim, o ritonello é esse ponto comum (...)o ritonello está totalmente ligado ao problema do território, da saída ou entrada no território, ou seja, ao problema de desterritorialização. Volto para meu território, que eu conheço, ou então me desterritorializo, ou seja, parto, saio do meu território? ”.

iv - Capturo a grafia utilizada por Lima (2013) buscando ressaltar o sentido de fundir com, de mistura.

v- Fragmentos da pesquisa de Fernanda Carneiro Lima que deu origem a sua Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da UFF em 2013 sob orientação de Carmen Lúcia Vidal Pérez, em maio de 2013.

vi- LIMA, idem, p.115

vii - LIMA, idem, p.93-4

viii - Fala de Guillermo Lancheros, 10 anos, publicada no dicionário infantil Casa das Estrelas. O universo contado pelas crianças, do professor colombiano Javier Naranjo, que “coleccionou” por mais de dez anos as definições que as crianças (entre 3 e 12 anos de idade), seus alunos da escola “primária” El Triângulo em Llanogrande, Colômbia – davam para palavras, objetos, pessoas e sentimentos, em suas aulas de espanhol.

ix- Experiência relatada por Leandro de Oliveira Delgado e narrada em Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF, sob orientação de Carmen Lúcia Vidal Pérez em maio de 2015.

x - Trata-se da pesquisa Injustiça Cognitiva: ressignificando os conceitos de cognição, memória e aprendizagem no cotidiano escolar que vem se desenvolvendo a sete anos em diferentes escolas de periferia urbana (e rural) e conta atualmente com 05 professoras docentes dos primeiros anos do Ensino fundamental, 20 bolsistas de iniciação à docência, 2 bolsistas de Iniciação científica e 03 bolsista de desenvolvimento social. A pesquisa gerou 02 teses de doutorado e 03 dissertações de mestrado.

xi - As imagens apresentadas no presente artigo foram elaboradas pelas próprias crianças, que estão aprendendo com a pesquisa operar os instrumentos (câmeras fotográficas e filmadoras), scanners e trabalhar com programas (simples) de tratamento de imagens.

xii - A assembleia, na turma do 4º ano de escolaridade transformou-se, por reivindicação das crianças, de um momento de reflexão sobre o vivido, em momento coletivo de organização da aula, de tomada de decisões e de encaminhamento das soluções negociadas. Cada assembleia inicia-se com a elaboração da pauta, produzida e negociada coletivamente. Um grupo de crianças fica responsável por anotar as decisões da assembleia e produzir relatórios que irão subsidiar a composição da ata final, produzida e assinada pelo relator eleito pelo grupo. É dessa forma que a aula acontece naquela turma.

xiii - Gustavo produziu e fotografou seu próprio cartaz para ser anexado ao “portifólio da turma” – conjunto dos registros das experiências vividas.

xiv - As fotografias que se seguem representam o “corpo humano escondido” nas fotos esquisitas. Atividade desenvolvida com as crianças do 2º ano de escolaridade da Escola Municipal Paulo Freire – SG, no ano de 2011 no âmbito do projeto “Injustiças Cognitivas: ressignificando os conceitos de cognição, memória e aprendizagem no cotidiano escolar, que contou com financiamento da FAPERJ.

xv - A relação entre o atual e o virtual que Deleuze nos apresenta – “a atualização do virtual é a singularidade, ao passo que o próprio atual é a individualidade construída” (in ALLIEZ, 1996, p.56) – sustenta as aproximações que buscamos

fazer com e a partir das imagens produzidas pelas crianças. A imagem como emergência do novo e o novo como virtual - o virtual é o sujeito e o ato é um complemento, um produto.

xvi - Deleuze refere-se a situações puramente ópticas (e sonoras) é fundamentalmente distinta das situações sensoriomotrizas da imagem ação e do antigo realismo, que levam a imagem para além do movimento.

Submetido em: julho de 2015
Aprovado em: setembro de 2015